

ASSIGNATURAS

Trimestre.....	2\$000
Semestre.....	4\$000
Anno.....	8\$000

O PENSADOR.

ORGÃO DOS INTERESSES DA SOCIEDADE MODERNA

Maranhão, 30 de Abril de 1881

Propriedade de uma associação

A VISO.

Rogamos aos assignantes que não receberam *O Pensador*, o obsequio de mandar reclamar incontinentem, no nosso escriptorio á rua da Palma n.º 30, baixos do sobrado do Exm. Dezmbergador Lacerda e não deixarem as suas reclamações para a occasião do pagamento, como têm feito alguns, porque então não serão attendidas.

O PENSADOR.

MARANHÃO, 30 DE ABRIL DE 1881.

Defeza de quem não tem defeza.

Nascido das gargalhadas de Voltaire, das severas meditações de Rousseau, do trabalho titanico dos encyclopedistas, do vortio musculo de Mirabiau, o século XIX entre em seu seio um Encolado—a Revolução. Este Encolado é que agita a face social da humanidade.

Gerara a terra desesete seculos debaixo d'esse monólito enorme—a tyrannia. Sacerdotes e reis, á sombra da cruz, haviam feito do homem a machina inconsistente do trabalho. O ferro e a creanga tinham-lhe tirado o vigor e a razão. O homem não era homem, porque o homem não pensava. E, quando o homem não pensa, triumpho a animalidade, e a intelligencia morre.

Mas a revolução veio. Gigante arrepegou-se d'encontro ás vis inslignificas do passado. Das paginas do livro precipitou-se em meio da sociedade. Nasceram idéas—lá combater—aqui.

E esta grande arma é a que empunha a humanidade no nosso seculo. O seculo XIX forjou-a. O seculo XIX brande-a. Ao cyclope succedem o Titã.

Lança as vistas para o homem de nossos dias. Sabes o que elle incute no seio?—E' a revolução que elle tem alli. N'aquelle cranio ha a horrasca da idea, n'aquelle cerebro—o cyclone do pensamento. Elle pensa. Pensar é revolucionar.

O passado, porem, ainda não fugio do texto. Abacado pelo pensamento, oppõe á força enorme da aspiração social dnas cousas ridiculas—o throno e o altar. Uma—que faz d'un homem um Deus. A outra—que faz de Deus um homem.

Ha portanto uma luta gigante—a luta do que é velho contra o que é bom—o combate da rima contra o Pantheon do porvir. Ruina e Pantheon tem soldados. São elles que se batem na arena immensa do seculo!

O passado é symbolisado hoje pela realeza e pela Igreja Catholica. A realeza, essa estorce-se moribunda nas mãos da soberania popular. A outra—a Igreja, essa morre nas escolas, quando a voz balbuciante da creanga começa a soletar nas paginas do livro. E' uma morte gradual. A instrução é o carcinoma que roe a Igreja.

Como todos os grandes organismos a Igreja mutilada consegue arrastar contido uma vida ficticia. Ainda ha cerebros

em que a luz não penetrou. E nelles que ella apoia seus passos vacillantes. Antes de baixar ao tumulo, ella arrasta a matula do invalido.

O fluxo e o refluxo do seculo trazem consigo estas duas correntes que se embatem. Uma—que encamula a humanidade para um estado social em que o homem livremente se desenvolve. A outra—para esse abyssmo em que outr'ora se torturaram as gerações. Uma—dando á razão o imperio do mundo. A outra—dando a creanga ao homem para atrophiar a humanidade. Uma—que quer o bem. A outra—que atueja o mal. Do choque d'estas massas sahe um cataclysmo da luz—a revolução.

A atmosphera humana está hoje agitada. Deixa passar a tormenta. Do tempesidade gera-se o raio. Da luta social—rebenta o bem.

A revolução é a mãe do bem. Arredai-vos. E elle precisa passar.

A *Civisação*, n'um supplemento, que publicou a proposito do tumulto de Santo Antonio, acaba de nos fazer justiça. A folha clerical reconheceu que aqui, no Maranhão, a questão religiosa não tem por objectivo irmandades. Da-lhe para origem uma corrente d'ideias totalmente opposta ao principio catholico. Ante essa corrente, diz o jornal ecclesiastico, ninguém ha que possa permanecer indifferente.

E assim é. Nós, que aqui combatemos, não temos por fim tratar de cousas frivolas. Que outros se batam por causa de uma capa, ou de uma tocha. Não entramos alvo tão poptimo. Se entramos em luta é porque somos soldado de uma idea.—Essa idéa—ojs a força veloz que nos faz avançar.

Como todas as cousas deste mundo, fô, porém, a justiça da *Civisação* misturada de travos. D'envolta com o reconhecimento da causa que defendemos; o orgão catholico atira-nos improperios. Recorre ao dictionario da injuria, e despeja-nos uma avalanche de doestos. Somos inqnos inimigos de tudo o que é bom, justo e honesto! Como se redigissemos a *Civisação*!

O tumulto de Santo Antonio—esse braço do desprestigio da um bispo, é a materia de que nesse supplemento se occupa a penna clerical. Ante o brado do povo que verbera um bispo insolente, a gazeta reaccionaria julgou dever erguer a voz. Ergue-a para fazer uma defeza. Essa defeza é o que ha de mais falso e caricato no mundo. Demonstra á evidencia a fraqueza do principio catholico que se debate nas garras da revolução.

Habitados ás injurias da *Civisação*, não estamos hoje dispostos á represalia. Para que insultar os seus redactores, se o rubor nunca lles assoma ás faces? Nada, nada de injurias. A injuria emprega-se contra quem na balança dos valores consegue pezar alguma coisa.

Se não repellimos ás injurias, se não ás levantamos da lama em que jazem, temos contido que desnuscar as falchidades de que se faz orgão o jornal catholico. Ante a narração mentirosa, ante a justificação falsa do que se passou em Santo Antonio, tudo não podemos ficar. A mentira é demasiada para que se aceite. O cynismo e extremo para que se acolha.

Que S. Exc. Irm. maltraton nas Egreja, com grosserias, varias pessoas—é esse um facto demonstrado para quem combe-

er bem o Sr. D. Antonio. S. Exc. resente-se muito de falta de educação. Parece que n'aquelle cabeça nunca se ponde anidar uma noção de civilidade. De manei-ras rudes, de gestos coloricos, de palavras baixas, o Sr. D. Antonio não sabe fazer advertencias senão com o modo brusco de quem aguilhoa bois. Se não fosse a mitra, possivel seria tomar S. Exc. por um pastor de differente especie...

Que S. Exc. com esse caracter anomalo foi quem promoveu o conflicto de Santo Antonio—ojs o que não pode soffrer contestação possivel. Diga o que disser a *Civisação*. Seus proprios redactores não de estar convictos da verdade d'essa asserção. Conhecem bem o actual bispo. Basta isso para comprehender qual a culpa de S. Exc. A Igreja desrespeitada, a mitra maculada, o prestigio episcopal perdido—tudo isso foi obra do Sr. D. Antonio.

E vamos mais longe. S. Exc. mesmo comprehenden o erro em que cahiu. Seu sermão de sexta-feira Santa d'isso é a prova evidente. A moderação de linguagem de que se serviu, confirma, que o avançamos. S. Exc. errara, e queria atenuar o erro.

Infelizmente ha erros que não tem altamente possivel.

Dissemos que a defeza produzida em prol de S. Exc. Irm. é uma coisa caricata e falsa. Seja-nos licito demonstrar esses ridiculos da *Civisação*.

Se, como asservera o jornal catholico, brandas foram as palavras com que o Sr. D. Antonio consunou a falta de respeito que julgava ver no templo, como comprehender que auto essa suavidade o povo se revoltasse? Pois ante um bispo que acalma evangelicamente as turbas lavoura que auto accendia o facto da revolta?

Isso não se crê, nem se imaga. Se S. Exc. fosse moderado, o povo tambem o seria. Ninguém vai nos templos para dar vaias. Por mais livre pensador que se seja, ninguém é tão irreverente que desrespeite aquillo que seus semelhantes adoram. Não ha possibilidade de pessoas se reunirem para fazer motins nas Egreja. Promeditar um tal facto é impossivel, impossivel, porque o livre pensamento é a tolerancia para com a fraqueza de todos as convicções que possam existir. Bater o Catholicismo por meio de desordens nos templos é, longe de trabalhar contra a Igreja, voltar as armas contra a liberdade. Não ha pensador que aceite essa enormidade.

As premeditações, portanto, do desaeito de Santo Antonio é uma mentira caricata que não tem assento nas ideias de um clero reaccionario. E uma mentira estúpida, que, logo a principio, reduz a defeza do bispo á defeza de um arlequim. Quem se pode pretender que premeditou o barulho foi o Sr. D. Antonio, caso seja possivel descurtiar premeditação na grosseria. E contudo nós não nos atrevemos a dizel-o.

As grosserias atiradas ao povo maranhense por S. Exc. estão no dominio de todos. Adfente publicamos trez valiosas cartas das Ilhas. Srs. Luiz Carlos Pereira do Castro, Dr. Francisco Brandão e Coronel Vasco, em que se mostra á evidencia qual o procedimento do Sr. D. Antonio. Dizer depois d'isso que S. Exc. procedeu bem—é mentir parvamente.

S. Exc. Irmã, tinha effectivamente em Santo Antonio como em qualquer outro templo o direito de retirar o Sanfissimo,

se se desse algum desaeito. Mas fazel-o como o fez, sem razão, eis o que se não pode tolerar. O povo castiga S. Exc. de uma maneira inconveniente. Não achamos que fez bem. Mas se o consuramos, a maior parte da censura cabe a S. Exc.

Pois o Sr. D. Antonio que no Maranhão representa o principio catholico, pois o Sr. D. Antonio que, no dizer de poucos, é virtuoso e illustrado, pois o Sr. D. Antonio que vê erguer-se contra si uma propaganda que o ameaça, não comprehende que em lucta, como se achava, conveniente é usar de brandura, procurando no povo apoio para as suas doutrinas? Acaso S. Exc. não precisa de popularidade para se manter? Acaso não lhe é necessaria a sympathia de todos? E essa sympathia obter-se-ha por meio de palavras violentas proferidas dentro do templo?

E quando se proferio essas palavras, será meio de reconquistal-a mandar parvos e coloricos sacerdotes, defendem-no pela maneira violenta porque o faz a *Civisação*?

Não o cremos.

Poucos dias depois do tumulto de Santo Antonio, foi um dos nossos collegas de redacção agredido por um preto na Cathedral. Querendo evitar que se desse algum conflicto, foi, ás competentes autoridades, acompanhando de outras providencias sobre o facto. Fel-o, não por medo, mas por espirito de obediencia á lei.

A *Civisação* aproveitou-se d'esse facto para dizer que fomos *pedir misericordia*. Querendo afanar-se de ter consigo o povo, atira-nos em meio da defeza episcopal este facto soberanamente covarde! Debil e exhausta, d'envolta com o fel que lhe jorra da bocca, atira-nos estas fezes! A justificação ridicula do Sr. D. Antonio tem a aggressão parva de quem não tem armas a manejar. É mais que descer—é rojar na lama.

Tudo o mais que se encontra na defeza do Sr. D. Antonio é outro d'este quilate. São doestos, epithetos affrontosos, calumnias manifestas, aggressões descommendadas ás autoridades, asserções ridiculas—cousas que fazem tedio e que transformam o tal supplemento n'um *gallinathias indolezavel*, que provoxa o vomito.

A proposito de vomito, vamos na Assemblha provincial ouvir o Rvd. Carvalho.

A *Civisação* já nos deu o que podia dar. Mostrou as ruínas de uma Igreja que tem por bispos homens como D. Antonio de Alvarenga, destinados a combater a corrente enorme do seculo.

Vamos na tribuna ver um defensor do Catholicismo.

Preparemo-nos para rir. Entra em scena o Rvd. Carvalho.

Eil-o que se ergue na assemblha com o porte musculo que todos lhe conhecem. O Rvd. Carvalho vai fallar. Elle—o politico sempre laureado, elle—o vigario sempre sollicito no empurramento da seus deveres, vai soltar da bocca bocadinhos de outro. Todos o fiam attentos. Ha n'aquelle volto de padre uma vacião d'eloquencia que vai abraçar a saluda.

O Rvd. fallou. Lamenta que a Igreja lute actualmente contra odios que contra ella se desenheciam. Falla do motim de Santo Antonio. Encarece os merced-

„Di qui non sunt parvuli fluctantes, et circumferuntur anni conturbatione, in sequitibus hominum, in sollicitudine circumventum erroris.“
(S. Paulo, ad Epistolam Cap. V. c. 14. Epistola.)

mentos do bispo do Maranhão. Censura aquelles que o desrespeitam. Falla dos serviços do clero no Brazil. Appella para a independencia. E' pathetico, sublime, descommunal... e por fim apresenta um requerimento em que pede a Presidencia da Provincia que se lhe dê informações sobre o procedimento da policia quanto aos acontecimentos de Santo Antonio.

Para mettida a lança em Africa. O heroe d'esta façanha olhava para todos que o contoplavam boquiabertos. Nunca passara pela cabeça de ninguém que o Rvd. Carvalho fosse tão bom catholico. E isto por uma razão simples—por que S. Rvdm. cuidava mais das eleições do que do calice. Haviam até maldizantes que osavam asseverar que toda a fé de S. Rvdm. jazia misturada com o lixo do que está constantemente cheia a Igreja do S. João.

Ante a attitude do S. Rvdm. na assembleia, toda a duvida desapareceu. Seu Catholicismo tornou-se logo notorio. S. Exc. não mais era um politico. Era um padre que arcava com todas as suas forças contra essa corrente que quer submergir a Igreja Catholica.

A Presidencia da Provincia recebeu o requerimento do digno para-tenente. Recebeu-o e ministrou-lhe as informações pedidas. O digno chefe de policia, bem como o commandante do 5.º, e o major ajudante d'ordens, explicaram o caso como o caso foi. S. Rvdm. não gostou do que elles disseram, e fez um protesto contra as informações dadas pela policia. Esse protesto ochoou na assemblea no ponto de fazer tremar a todos os deputados. Novo Mirabem, o padre Carvalho, fazia alli dentro ouvir o trovão da sua voz.

E S. Exc. Rvdm. caricatamente defendido pela *Civilização* ia ter mais o ridiculo de contar como defensor o padre Carvalho...

Não ha desgraça que venha só!
Pobre Sr. D. Antonio!
Compaixão para um bispo que passa!

O que acima se lê tem um fim unico—mostrar a fraqueza da Igreja no século XIX. Quando uma instituição só tem homens assim para a defender, o que está bem proxima do tumulo.

O que esperar do Catholicismo, quando ha bispos como o Sr. D. Antonio?
Qual é o principio catholico que se pode manter sendo representado no jornalismo pelo Rvd. Mourão, e no parlamento pelo padre Carvalho?

E são estes animalculos que querem sustar a marcha da revolução social de nossos dias?

Uma gargalhada, povo!

A' ULTIMA HORA.

Mais uma coisa ridicula—o manifesto do clero maranhense.
Será possível responder aquillo?
Duvidamos.
Parabéns ao clero que se mergulha na lama.
Não sabemos se poderão de futuro limpar-se.

DOCUMENTO N. 1.

Resposta do Carmel José Vasco de Souza Coelho, Alcaide provincial, colliga do Padre Carvalho.

Em resposta a carta que se dignou dirigir-me em nome da Redacção d'O Pensador devo dizer a V. S.:

Que é verdade ter eu entrado na igreja do Carmo no noite de quinta-feira maior, onde depois de haver feito as minhas orações, e quando reinava no templo respeitoso silencio, tambem entrou o Exm. Sr. Bispo que com aspersa impropria de sua elevada posição, mandou que todos, senhoras e cavalheiros, se retrassem de tempo, ordem repetida com tal arrogancia que a mim produziu indignação, dando isso lugar a que me retrassei em companhia do sr. dr. Brandão.

Reinava silencio no templo como disse, e por isso acreditado que se ficis não motivaram o procedimento de S. Exc. Rvdm.

Pode fazer desta minha resposta o uso que

lhe convier.—De V. S.—Athenica V.ª e Cr.ª—José Vasco de Souza Coelho.
Hoje Curitiba, 25 de Maio de 1881.

Reconheço a assignatura da resposta supra.—Maranhão, 25 de abril de 1881.—Em testemunho de verdade, O Tabelião Saturnino Bello.

DOCUMENTO N. 2.

Resposta do Sr. Luiz Carlos Pereira de Castro, leito do Lyceo.

Na noite de quinta-feira santa estava eu sentado a um banco proximo á porta principal da igreja de Santo Antonio, quando da capella do Senhor dos Navegantes vi sair o SS. Sacramento e dahi a nada uma onda de homens, senhoras e crianças que se atropelavam em busca da porta pela qual, com o grande tumulto que então se fez, entravam soldados em direcção á capella, onde eu não entrei a procura de minha familia.

Assim, pois, affadado como me achava do exm. bispo não ouvi as palavras que dirigiu ás pessoas que se achavam na capella, e que lhe pareceu não estarem com a devida reverencia, mas indignado de algumas pessoas do que dera causa ao tumulto disse-lhe-me que do que me motivaram asperas reprehensões dirigidas pelo exm. bispo.

E o que lhes posso informar, permitindo-lhes fazer desta minha resposta o uso que lhes convier.—De V. S.—Al.ª V.ª e Cr.ª—Luiz Carlos Pereira de Castro.

Reconheço a letra e assignatura da resposta retro a supra.—Maranhão, 25 de abril de 1881.—Em testemunho de verdade, O Tabelião Saturnino Bello.

DOCUMENTO N. 3.

Resposta do Sr. Francisco Antonio Brandão, leito do Lyceo.

Em resposta a carta supra, que V. S. em nome da Redacção d'O Pensador, me dirigio, tenho a dizer-lhe o seguinte:

Na Quinta-feira maior fui a igreja do Carmo para acompanhar uma pessoa de minha familia, que desejava visitar as celhas n'esse dia, como é costume entre nós. E pouco depois de ter entrado na igreja, chegou o bispo e foi logo dirigindo-se a um digno sacerdote que ali se achava, com estas formaes palavras: Não sei do que serviram as minhas orações! Não disse que não queria que me transportassem estas grades?—E os senhoras (continuo) o bispo, dirigindo-se ao sr. coronel Vasco Coelho de Souza, a umas senhoras e a mim, que estavamos juntas as grades da capella-mor, retraveu-se d'ahi para fora, que não quero aqui ninguém!—Isso dizio o prelado com ar carregado, voz em grita e cantadura melanhosa e má. Estive por momentos contemplando o bispo que nos mandaram, e recordando-me da maneira porque D. Pedro o Crú, de Portugal, tratava um arrogante bispo, naturalmente da ordem do sr. D. Antonio, e certificando-me de que é o episcopo no nosso tempo, e o que vale na pessoa d'um D. Antonio Candido de Alvarenga, quando o prelado sem o merecimento da caridade, do amor e do saber, somente se torna notavel por gestos e maneiras apenas toleráveis nos tropeiros paulistas. Retirei-me da igreja respondendo as amabilidades do Ordinarario com o silencio, unica resposta digna de intelligencia e educação do sr. D. Antonio.

Pode V. S. fazer desta minha resposta o uso que lhe convier, e assigno-me com toda a consideração.—Maranhão em supra.—De V. S.—Ant.ª Obr.ª e Cr.ª.—Francisco Antonio Brandão.

Reconheço a letra e assignatura da resposta supra.—Maranhão, 25 de abril de 1881.—Em testemunho de verdade, O Tabelião Saturnino Bello.

COLLABORAÇÃO

Sob uma couca ou outra.

A gazeta catholica, argão por meio do qual o autor das—CARTAS—lança contra a nossa sociedade as imundicies de seu espirito e as podridões de sua alma,—disse uma vez, se não nos falta a memoria:—o padre que for verdadeiro catholico não pode pertencer ao partido liberal—

O partido liberal ha muito que escreveu em seu programma, entre outras idéas grandiosas, idéas que foram discutidas e propagadas pela—Reforma—o seguinte:—Separação da Igreja do Estado.—

E pode um padre, que tem obrigação de defender os interesses do Papado, pertencer

a tal partido? E po le um padre que tem o dever de observar todos os principios do—Sylabus—essa condemnação monstruosa das liberdades humanas, pertencer a um partido que deseja a liberdade plena de consciencias?!

Certamente que não. No caso que passa, como talvez se pense, trabalha para a ruina da propria Igreja de que é ministro.

A igreja romana, como todo parasitismo, precisa do Estado para viver. O parasitismo deve morrer para que o estado viva. Este se engrandece na razão directa do decrescimento d'aquelle.

Es porque o partido liberal tem razão bastante em querer a separação da Igreja do Estado.

O discurso do abstrado Sr. padre Carvalho suggeriu nos essas idéas. Espantado que tem razão cheie politico, segundo as suas proprias palavras, o sympathico e taloso Dr. Francisco de Sa, que tem seu magnifico ministrio apresenta, como reforma necessaria para o país—a separação da Igreja do Estado—isto é—a Igreja livre no Estado livre.—O sr. João Evangelista de Carvalho é padre e padre intransigente, ao mesmo tempo que é liberal e liberal logico. Como harmonisar estas duas causas domesticamente oppostas? E completamente impossivel servir as solidariamente sem que haja quebra de consciencia ou de caracter. Ou S. S. é um bom padre catholico e um pessimo liberal, ou é um bom liberal e um pessimo padre.

Diga-nos S. S. a que quer ser.

Marcellino Sá

O Povo e o Bispo.

E debaixo da mais triste e dolorosa impressão que escrevemos este artigo, só inspirado pelas scenas provocadas pelo Bispo Diocesano dentro das proprias igrejas, em dia em que se celebrava a paixão do Senhor.

Quando por fallecimento de D. Luiz, esse apostolo da caridade, espalhou-se que estava nomeado para esta diocese um Antonio Candido de Alvarenga, conego de S. Paulo, todos, a uma voz, perguntarão—quaes os titulos que tinhamo recommendado a uma tão alta nomeação?—e ninguém soube responder. Mas depois soube-se que tinha sido um nipo feito por um maranhense á sua provincia idolatrada... (Deus lhe pague); e que para conseguir fazer-nos esta rica prenda, aproveitou-se da ausencia do Imperador, para illudir a Princesa Imperial.

Contudo o Maranhão acreditou que talvez houvesse alguma exaggeração, e que o conego Alvarenga, não sendo, com certeza, nenhuma illustração, fosse muito dessas medocridades que, quando nada mais, dêsse o socego e a paz do Senhor ás suas ovelhas.

Nesta convicção preparou-lhe e fez-lhe uma recepção esplendida; e cercou-o do maior respeito e veneração. Estava nas mãos de ex-conego de S. Paulo fazer a felicidade de seu novo rebanho; mas não quiz, entendendo que o papel de lobo lhe quadrava melhor que o do pastor, e eis como começou e vai levando esta pobre diocese, á lei do vergalho:

Tendo consciencia de si, do seu valor proprio; e reconhecendo que só nada saberia fazer, fez uma viagem ao Pará, e lá cogou para esta terra o jesuita mais atrabilhar e arredador, do clero brasileiro, e do qual o eminente D. Antonio, já estava morto por se ver livre.

Com este Mentor do mal, começou o Sr. D. Antonio o flagelo da sua Diocese. Varreu do Seminario das Mercês todos os casacos, enbotando-os, e com tanta delicadeza que nem se quer respondem aos professores despedidos que se offereceram para lessonar de graça. Depoente á duas illustrações do clero, de todos os empregos e cargos que tinham, em favor de sua Alma desinteressadissima, que os empolgou todos, catholica e apostolicamente. Abriu luta infrene e despediada contra a maçonaria, contra essa associação que tem por fim exercer a divina caridade, terror dos maus, e dos judeus uzurarios.

Declaram guerra de morte ás nossas tradicionais festas de largo das Igrejas, sob o insultante pretexto de prohibir—as immoralidades—!!!

«Praticadas por quem?»
«Por familias maranhenses?»
Que audacia!!

Mentou uma typographia, que chrysomou de—fundo de avião—mas que em vez de podra, jorrou o jorral todos os dias injurias e improprios, em fingimento de praia, contra uma população ordeira e pacata. Formou uma irmandade que refulge de infelizes erolhos a felichistas fazois de serem desapeadamente esphradas por qualquer partido. Sob o pul-pilo e em vez de pregat as doutrinas do Evangelho, derrama bilis e insultos semelhoros pelo auditorio.

Entra na Igreja e trata as mais respeitáveis senhoras por—malheres—com a mesma asperceza e grosseria, com que uma patrulla trata a uma peixeira insolente:—«Aqui, pai grãndio, em bom arvoreal e piroetando a cruz com o dedo, como os garafis fazem com as suas lunetas, aqui não é lugar de cochichos, se querem co-dichear—com—pouão-se d'aqui pra fóra—»

Isto e outras do mesmo e prior jaz, são as amabilidades ás—malheres—; ao povo, o de—povo—carvalho—para cima.

Entrando quarta-feira á noite na Igreja do Carmo enbotou, com a grosseria estúpida do loutavil oslismo, algumas malheres e um grupo de cavalheiros, entre os quaes estava o deputado provincial, Coronel Vasco Coelho e o Sr. Dr. Brandão, que todos sahirão mimos e qüedos.

S. Exc. tirou com a boca doce por não ter alli achado quem repellisse, como merecia, as suas insolencias, lá repeti-las em Santo Antonio, e ali enlio o resultado foi inteiramente contrario, e o—miso max foi vaado, apupado e corrido do all á casa pelo povo—!!!!

Se não fosse o Sr. Major Tavares, o Sr. D. Antonio, esse extremo, teria pago bem caro todos os seus demandos e insultos confundidos feitos ao povo.

S. Exc. foi para casa no meio de uma força de 20 praças do 5.º batalhão!!

No outro dia foi para a Sé (sesta-feira santa) no meio dos seminaristas e de todos os padres!!

Que miséria! a que ponto já chegou um Bispo!!

Aquelle que devia viver entre os seus diocesanos, como um pai adorado entre seus filhos, para sahir a rua á preciso ir acompanhado de força para livrado da indignação pública, como o ultimo criminoso!!!!

Depois de ter descido tanto na escala social e na estima de seus diocesanos, e que resta a D. Antonio?

Resignar esta diocese.

Vá para seu S. Paulo; vá e deixe-nos; o creia que nenhum odio maranhense o acompanhará; vá que assim que S. Exc. se fizer á vela ou a vapor, como o vapor se terá esvaado da nossa memoria.

Vá, não lhe acompanharão os odios, e nem as addições de um povo, mas vá, vá em paz, e deixe-nos tambem em paz.

Vai Bispo Padrao, vai para bem longe, é só o que te pedimos; e Deus que te inspire.

Maranhão, 15 de Abril de 1881

Antonio de Lisboa.

(NB. Exc.ª Sr., não se esqueça de levar com V. Exc. a Alma de Salvaaz e Frei Thomé das Chagas.)

O Revd. padre Carvalho.

A' assemblea provincial, apresentou aquelle revd. deputado um requerimento pedindo informações á Presidencia sobre os escandalos da semana santa.

Semelhante procedimento, que tem o caracter de uma hipercollação, parece incomprehenhivel.

S. Rvdm. quer saber si de facto o Bispo diocesano foi insultado; si a policia tomou conhecimento do facto ou si o Collegio emandecou ante a queda do sr. D. Antonio. Quer mais saber si a indignação, collectivissima que se vê máo não si respectabilissima, foi processada e convicia de humilharia; em uma palavra quer este negocio a fiupo.

Porém ao mesmo tempo que s. rvdm.

manifesta uma pretensão arrogante, apresentando uma interpegação formal e solenne, desfaz-se em mil piquetes, gasta, finalmente, uma rhetorica immensa para fazer-se acreditar perfeitamente amigo do governo.

E é por isso, por aquelle *notarel* discurso de s. rvdm. que todos o acham incomprehensivel, quando assim meo s. rvdm. é claro como o *claro dia* das rezas do fr. Dorotheu; penetrante como os seus olhos brincaes e incisivo como os seus mais incisivos dentes.

Segundo dizem é esta a questão: O sr. D. Antonio era de fresco, chegando a esta cidade. O rvdm. padre Carvalho, freguez vigario da freguezia de S. João, sendo rogado para administrar a extrema unção a um parochiano enfermo recuzou-se sob qualquer pretexto, dizendo a quem lhe exigia o passaporte catholico que se fosse queixar ao bispo. Tomaram o recado ao pé da letra e momentos depois o bispo estava á porta do hospital vigario com o ar de um senhor de policia, mandando-o executar em dos seus mais evangelicos dveres.

Ora, s. rvdm., o freguez vigario, que interpeila o governo, porcu desfaz-se em piquetes para mostrar-so-lhe um entusiasa phrenetico, de certo que lembra-se de provar, á sua vez que um vigario limpo pode descartar-se de uma injustica do bispo, deixando nos archivos publicos memoria indelivel da situação em que o bispo foi apupado, sem que a policia interviesse e o codigo o defendesse.

Mas não rvdm. A policia dispersou a turba.

Cumpria seu dever. Abrir um inquerito era cavar mais funda a sepultura em que se enterrava o prestigio do sr. D. Antonio.

Resulte, porcu, o que resultar, desta interpegação, nós a aplaudimos: pois é bom que tudo appareça.

Uma porção de gente correndo a péssoa *conuacat* do bispo ao ironico silabitar dos assobios e fazendo a magna auctoridade ecclesiastica representar a figura graciosa de um garoto de feira; e no meio de tudo isto, a redação do *Pro-sultor* injuriada em linguagem de padres romanos, no esgôto das immundicias do jesuitismo, que afronta a benevolencia desta população, por demais tolerante para com essa apodrecida—*Civilisação*—, nujeito pasquin escripto por bapulados do bispo, todos elles, individuos eslipendiados pelos cofres da mitra.

E' bom, rvdm. sr. Padre Carvalho, s. rvdm. vinga-se evangelicamente ao mesmo tempo que nos justifica no seio da assemblea provincial.

A historia que narramos de ter o honrado vigario se recusado a ir nujar um enfermo está no dominio publico e reproduzindo-a só temos um fim: assennar a razão que tivemos para mostrar ao publico como a interpegação do rvdm. deputado não indica opposição á administração do Exm. Sr. Dr. Cincinato, reconhecendo digna das benções desta provincia.

O Sacrisião.

Os sermões de D. Gereba.

Leitores:

Deveis estar lembrado dos celeberrimos sermões, que pregaraõ ao povo os Rvdms. barbadinhos de Sant'ago.

Alli não se tratava do couzas sacras; pelo contrario, o assumpto predilecto d'esses voblaes de capu roxa era tão somente os barões, os tancaes, os anagias de relago, as canoas de bico de palo e tudo mais em proporções.

Com quanto isso concerresse para o detrimeto da Igreja Catholica, pois a casa de Deus convertida em palco, onde se expunha um bôbo a dizer asnera, exorçava-se uma utilidade: a de provocar o riso.

O contrario do que se dava out'ora, acontece actualmente entre nós mesmos.

Conheces o D. Gereba, não é assim? Pois elle substituo e não substituo ao mesmo tempo esses pandegos barbadinhos de lingua enforçada. Substitue, por que afasta-se do seu dever para pregar folhadas e não substitue, porque longe de provocar o riso, enche de indignação nos pacientes ouvintes.

Quereis uma amostrinha do risado? Escultae-nos.

Da a Igreja um signal de alegria, um repique e assume a porta Templo o mitrado piassilgo, trazendo o rei na barriga, com seu olho de trabalho e gingando como Gereba que e.

N'esto interim apressam-se a entrar as veteranas devotas. As ha de toda especie; beatas, senhoras respeitaveis, que se curvao ao vil capitulo do fanatismo e representão scenas, as mais burlescas para terem o gozo da vida eterna!

Pretas velhas enrugadas, com trepa-moleques de tartaruga ou bufalo, do roxarios e bentinhos, portando, cada qual querendo mostrar-se mais religiosa, mais devota, mais submissa a lei do Onnipotente.

Jaelhos em terra, orçelma D. Gereba, e rio-que vai pregar.

Do que ira occupar-se esse homem? Terá em mente desenvolver alguma these religiosa? Mostrar ao povo quees seão as virtudes do Christianismo, aconselhadas pelo filho de Maria, por'essa Jesus, de quem Leão XIII se intitula, e é irrisorio, fiel successor?

Quevira reproduzir a palavra de quem morreu pelo povo e não por trizas mesquinhas e anaticas?

Não leitores: esse homem, que acaba de subir á tribuna, que se diz sagrada e que do mundo deixou de se-o, vai tratar de banalidade, dizemos mal, vai interpretar o povo por ser pacifico e herdete.

Elle que, talvez na terra, em que nasceu fosse capanga de eleição, inclando sempre de latipula em pulho e faca no cox, supõe que isto aqui é uma Beocia o leua a impôr a sua religião, a religião de Christo com repelliões e nuquetes!

Se ao menos elle usasse de uma linguagem bonita, *troucent*, mas serviu-se de termos improprios para a praça do Caju, quanto mais para serem proferidos em uma igreja e por um... padre romano!

No meio do chamado discurso, esse toleirão encurra uma pobre preta velha pelo simples facto de não ter trazido ao posçoõ uma toalha para encolbir as osudas cantareiras, que ostenta ás turbas; reprehende uma senhora por causa de um sorriso, que pairou-lhe nos labios; diz mal de um moço por ter osado envergar o seu pince-naz e perguntar pela saúde de D. ...; dá um piparote em moleque por ter faltado ao devido respeito, convertendo o Templo em *aqueque*.

Eis, sem que fizessem comentario, o que é um sermão de D. Gereba.

Eis o homem que se diz virtuoso; o pastor que apresenta suas ovelhas, seguido de cães de fila, como frei *Marrava* e frei *Magrico*. Eit-o com todos os seus dotes oratorios.

Não é um sábio sacerdote, que prega a uma turba ignorante; é pura e simplesmente um padre apupado, que insulta uma população illustrada.

Que exista esse homem... asas tirem-lhe as vestes, que lhe não assentão. *Quot natura dat, nemo negare potest.* S. Luiz—29—4—81.

X F. Z.

Alvarenga

Alvarenga, que navegas Neste mar de escolhos cheis, Sem lei, sem maral, sem freio, Afronlando o temporal, Falla, diz e com franqueza, Devéras não sentes medo De esbarhar n'algum rochedo Que te cause grande mal?

E' sempre arriscada empresa Navegar qualquer couão, Batido do mar, atão, Sem discreta direcção— Vai de rasto a polaresinha, Levada pela corrente, Dar á costa certamente, Sem agravo, ou remissão.

São garantias do barco Amestrada marinhangem, E bons ferros de ancorangem, Bons pannos e tudo o mais— Para arrustrar os fureros Das ondas da populaça, Não digo isto por graça, São couzas essenciaes.

Além destes accessorios, Tem mostrardo a experiencia Que o leme é por excellencia

O objecto principal— Sem elle doubeja o barco Polas ondas arrastado Até que desarvorado Quebra-se todo afinal.

E tu que já não tens leme, Nem ao menos de esparrella E queres correr á vella Para depressa chegar, Se prudente e cauetosa, Toma cuidado, Alvarenga, Vô bem que por uma arenga Estiveste a naufragar.

E demais o timoneiro, Que, automato inconsciente, Obedece cegamente Com a maior submissão, Contigo ha muito esperada, Grande chefe dos patifes, Não conhece os arceivos Das plagas do Maranhão.

Cautela, pois, que o tartulo Pode até por caçoada Metter-lhe n'alguma aliada Como a da santa-semana, E depois exposto á furia Dos vendavaes populares, Sem porto seguro achares, Ir dar contigo em pantana.

Antonio Candido.

A' Dom Gereba.

Se é triste em quinta-feira de endoenças Ver-se mano rebauo reverente De grossoiro pastor impertinente Suportar bem crasis, duras offensas;

Se é triste ver pisar do povo as crengas E offendel-o impavido, insolente E em tal dia com isto não contente Provocar na Igreja as desavenças;

Se é triste ver o povo injurado Reagir contra o acto deslammado Do pastor vil, tacanho e mal-creado;

Mas triste é ver um Bispo Diocesano Em publico mostrar-se embriagado Qual pillo e miseravel carcanauo!

Philos.

ECHOS DA RUA.

João-Evangelista—que vende fumo de corda a retalho e já andou pela Suissa de suissas, d'onde trouxe uma soberba collecção de retratos de *publicicos*, que lá conquistou—mettense agora a *enato* o verberou ha dias, em linguagem acompanhada de chuveiros salivicos, a impudencia que reina em Maranhão; mas absteve-se de lullar directamente n' *O Pensador*.

Fizeste bem João, porque senão cantaríamos *aquella* feia historia do sacrisião.

O Rvd. padre Carvalho disse no seu primeiro discurso, quando fez a interpegação, «que a parte sã da sociedade estava com o bispo» e no ultimo que os padres estão fora da lei!

Quando fallaria verdade o deputado João?

O Rvd. deputado perguntou á policia por intermedio do governo, quem eram os amotinadores de Santo Antonio. E a policia respondeu pelo mesmo canal que eram o bulhento bispo e os padres da *paullubaa*!

—Ora *chupa* que é *cana doce* João.

O talentoso Dr. *Flippe* se disse no seu soberbo manifesto que deseja a separação da Igreja do Estado. E o Rvd. padre João, que o reconhece como digno chefe, o que desejará?!

—Pobre João estás mettido em *ramica de 11 covas*.

O vendedor de fumo de corda disse a um amigo que hade fazer do seu *Secreto* ministro da guerra. —Não admira, quando tu o és da paz!

O perigoso importado ainda no seu ultimo sermão deu conce bravo. E no cutretanto o deputado Martins diz que a religião é um freio!

—E' pussivel, mas com certeza já não tem barbola.

Disse-nos um honrado sacerdote—que João Moura-grande influe o bispo a pregar e assim que o pilho no pulpito, elam os do *pelo* para virem apreciar sa- dices!

—Este facto, por si só pinta de um modo incontestavel o caracter d'esso vilão.

No enterro do Senhor, um padre que carregava a Senhora, disse, em voz bem audível, ao compandheiro que o viera substituir, esta significativa phrase: *aquesta com a bucha collega, que eu já estou curado!*

—E nós é que somos os impios!

A mentirosa *civilisação* disse que o padre Carvalho foi unanimemente apoiado, em quanto que as outras gazetas sustentam que apenas dois sacerdotes deram signaes de vida!

—Estes tartulos são de uma audacia pasmoza na mentira!

Diz tambem a *civilisação* que o bispo diocesano, na quinta-feira santa, dispensou a guarda e foi a pé pra casa, victoriado por mais de 100 pessoas.

—Isto é verdade, porque *ocario* em lingua padresca quer dizer apupô.

O gaiato D. Gereba, na procissão de São Benedicto, ia tezo como um Perú, quando se lhe assovia.

—Antes assim do que batendo compasso na cruz.

Neste mez já se fizeram dois enterros sem padres!

—Incontestavelmente—Le monde marche.

O Rvd. padre Baptista, conhecido por *Banajá*, foi tomar ares na Villa do Paço. —Nada mais natural, pois a historia do collegial tem lhe tirado o somno.

O Tempo de segunda-feira ultima offerrecu ao Rvd. deputado uma magnifica *plida*...

—Consta que o Rvd., despeitado, não lhe venderá mais fumo de corda.

O mesmo jornal, a proposito das questões padrescas, bellica o Exm. Sr. Dr. presidente da provincia.

—Dizem-nos que S. Exc. em resposta lhe mandará um cazal de bentinhos. Bem pensado.

O TELEGRAMHO n.º 470 traz uma importante noticia sobre os disturbios de Santo Antonio, deixando bem patente que, se não fosse a força publica, S. Exc. Rvm. seria maltratado.

—Recomendamos-a ao publico e especialmente aos *bichos* da *civilisação*.

Apesar do manifesto publicado continuamos a dirigir nossas baterias contra o MISERAVEL IMPORTADO e seus VIS ESPOLETAS, porque sabemos de fonte limpa que a maioria do clero condemna os actos do bispo, embora assigne mil manifestos com medo do *ex-infortunado*.

—Ora atacar individuos cuja posição já é tão afflicta, é falta de generosidade. Ao contrario nós os lamentamos.

A estúpida *Civilisação* guarda um silencio velluco sobre o importante relatório da Policia, a respeito dos factos de Santo Antonio, pensando assim illudir o publico.

—Enganamo-se canallhas, o publico de tudo saberá.

Movimento dos templos.—Santo Antonio na sexta-feira ultima: Beatas desprotegidas... 11 Ditas da *labozera*... 18 Thezoureira bem nutrada... 1

Zeladora afunilada.....	1
Grande chela das pagés....	1
Seo passinho popular.....	1
Sua bilha carmelitosa.....	1
Jesuítas ordinários.....	2
Curiosos diversos.....	25

NB. Seo Pureza não foi por estar occupado com as pilulas.

Sarar Pompadour.

CHRONICA

Em sessão formada por 19 deputados encerraram-se no dia 26 deste mez os trabalhos da Assembléa Provincial; e, si nem sempre foram estes aproveitáveis e dignos de menção, ao menos tiveram a fortuna de fecharem-se com uma chave de ouro. Referimo-nos á muito justa e conciliadora informação sobre os disturbios da quinta-feira santa em Saulo Antonio, fornecida pelo distincto senhor chefe de Policia, o Dez.º Joaquim de Paula Pessoa de Lacerda, a requisição do muito divertido deputado, o reverendo Padre Carvalho.

Nessa informação da Policia, a autoridade, que a firmou, revela brillantemente a sua independencia de caracter, o seu amor e respeito pela verdade e grande energia no desempenho do seu dever.

O integro magistrado, tendo de decidir-se entre a primeira autoridade ecclesiastica do Maranhão e meia dúzia de moços estuantes o homens do povo, para poder declinar qual das duas partes lhe parecia mais culpada, não hesitou em atirar abertamente sua accusação sobre verdadeiro delincente: si bom que fosse este o mais altamente collocado e mais poderosamente protegido pelas leis do paiz.

Possuido da dignidade de seu cargo, procedeu lealmente como lhe ditara a consciencia e a razão, sem attender ás conveniencias sociais e aos seus interesses particulares—Foi recto, foi imparcial, foi digno da elevada missão que lhe confiaram.

Si a autoridade procedesse sempre desse modo, não teriamos de corar defronte dos escandalos que se repetem constantemente entre nós.

Não teriamos de ver a padrinagem decidir de tudo o que nos diz respeito; não teriamos de lastimar o grande desequilibrio, a grande depravação, a grande somerghonica, que caracterizam as nossas cousas publicas.

A leitura da informação policial produziu, tanto no corpo legislativo, como nas galerias, que nesse dia foram mais concorridas, uma forte impressão—em todas as phisionomias, que se não tinham transformado pelo espirito de classe ou pelo interesse individual, expandia-se a satisfação e transpirava o bom acolhimento que inspira um acto generoso e meritorio.

Comtudo um vulto levantou-se no meio da manifestação geral para protestar contra o acto do digno Senhor Chefe de Policia—era o padre Carvalho.

Por ficar de costas para as galerias, onde nós achavamos, não lhe podiamos ver a expressão do rosto, porem advinhamos-lhe pela intuição das risças do cachago uma grande agitação interior.

O nobre deputado perdiera por momentos o tom pittoresco e endemoninhado de suas pilherias para considerar amargamente sobre a perseguição que soffre hoje nesta infernal provincia o pobre e desprotegido clero.

E com certeza teria desarmado totalmente o sensível auditorio e voltado contra a Policia os espiritos commovidos, se o digno Presidente da Assembléa, percebendo que o Mesquita se desafiava em lagrimas, não resolvesse cortar ao padre o fio do discurso.

—O assumpto não podia ser disantido! observou o presidente—O senhor padre exigira do Chefe de Policia uma informação innocua sobre o motim de Santo Antonio. O Chefe remetteu a—ahi está! Não havia mais nada a fazer! O senhor

padre que tivesse a bondade de explicar o caracter de seu discurso—si era um requerimento; uma simples explicação da informação da Policia; si era um protesto; enfim que fosse o que fosse, mas, com todos os diabolos que explicasse que coisa era aquillo, para se poder julgar se era coisa permitida ou si não era coisa permitida. E finalmente que o senhor padre fosse breve, tinha-se mais o que fazer—Bóas!

Então o senhor padre resignou-se a tragar em silencio o arduo de sua grande indignação e—assentou-se.

Ora nós sempre sentimos pelo senhor padre Carvalho uma sympathia inexplicavel—gostavamos de vê-lo com o seu fino riso, levemente estroina, a sua barganhada dura, redonda, o seu pesinho lesto, o seu olhar agudo, incisivo, de passaro, as suas gargalhadas ruidosas, a sua cabeinha esparta, e todo elle a saracotear dentro de sua batina, sempre á vontade, quer fosse no recinto tumultuoso da assembléa, quer no interior silencioso de alguma egreja, sem nunca se constringer, sem nunca fazer cerimonia, completamente a sua moda, sem capa, o palto no canto da boca, os movimentos desembaraçados e sympathicos.

Gostavamos! gostavamos do padre! para que o havemos de negar! Nunca nos pareceo hypocrita, ao contrario achavamos-lhe pilheria, achavamos-lhe faiseia!

E quando o vimos atravessar sacodido o lequido, diziamos cá com noscoz:—Olha o diabo!

—E' um padre lezo!

Mas de repente s. vdm. dá uma pirueta, bate na perna, bota a lingua de fora e faz-nos uma careta.

—Ói!

Dizemos nós, mas supponnos ser graça, rimos—e esperamos o resto.

Então s. vdm. dá uma carecinha, torna a vir e solta-nos um peteleco na orelha.

—Mão! fizemos nós desconfiados—já não nos ha cheirando muito bem a casoadá do padre.

Entretanto s. vdm. torna a dar outra carecinha e ataca-nos um cascudo.

—Trate serio, seu padre!...

Porem s. vdm. passa-nos uma chilipa, e aproveita a occasião em que estavamos assentados para se esparralhar no nosso collo.

Ainda não tinhamos voltado do sasto, quando elle, sem mais nem menos, mette-nos um dedo pelo nariz.

E nós o que fazemos depois de tudo isto?—nós espirramos. Isto tudo que aqui vai é simplesmente um espirro.

Desculpe-nos s. vdm., mas por ora é só o que podemos dispor para s. vdm.

—Um espirro!

E si o saltamos foi porque s. vdm. o provocou.

Todavia, s. vdm., que contra nós não devia usar de outras armas além do Paulo Cordeiro e do Simão, s. vdm. declarou ha dias que tinha á disposição de nossas respectivas costellas—um bom cacete; no caso, bem entendido, que tivessamos a petulancia de mexer com s. vdm.

Achamos perfeitamente razoavel a promessa, mas precisamos quanto antes para nosso governo de entrar em certas explicações.

Ora, si s. vdm. quando diz—cacete, retiro-se aos seus discursos da Assembléa, ficamos desde já de accordo e escusa de estarmos cá a trocar palavras por que enfim esse si d'ho, ao menos, que nos conste, não quebra os ossos. Mas si v. vdm., quando diz cacete, diz cacete mesmo, isto é—falla do sincero, do genuino, do legitimo cacete, vulgarmente denominado—pão, pão! sr. padre—aquillo com que se faziam antigamente as eleições e com que os tutores de não genio costumavam em 1820 acalnar o furor amoroso dos pilhatras lyricos: si assim é, si é ao cacete de pão que s. vdm. se refere, tenha s. vdm. paciencia, mas tomamos a liberdade de decla-

rar que não aceitamos a graça, pelo menos sem estabelecermos certas condições.

Em 1.º lugar convenem combinar que s. vdm. não se servirá do pão de seu appellido. Temos para isso nossas razões.

Em 2.º, não lançará mão de madeiras fibrosas e outras do igual rigidez, de que falla o meu seneto o poeta do Setabal.

Em 3.º, quando s. vdm. quizer por em pratica o processo philosophico de sua logica de pão, hade-nos permitir que nos afastemos de s. vdm., uns cincoenta passos, pelo menos. Bagatela esta a que s. vdm. não se opporá certamente, por que a verdadeira coragem não mede distancias.

Em 4.º, visto ser para nosso uso particular a madeira que tem s. vdm. de escolher, e isto é razoavel e a preferencia dessa madeira seja decidida unicamente por nós, e desde já apresentamos a declarar que s. vdm. não poderá usar de outra que não seja o *Bacilly*, e quando muito—o *caetico*, aquella com que se fazem as rollas.

Uma vez accitias por s. vdm. as condições acima expostas, pode dignar-se em ir preparando as armas, porque nós em tempo competente lhe enviaremos a resposta; por ora queira contentar-se s. vdm. com um simples—*vciam!*

No dia 12 do corrente proferio na Assembléa o senhor deputado José Candido Martins um eloquentissimo discurso, em que apresentava uma emenda ao art. 17 do orçamento provincial.

O elegante discurso do piedoso deputado tinha por unico fim arrastar as cobres para a continuação das obras da egreja de Monção, cujos trabalhos achavam-se interrompidos ha dois annos e em tal estado, que era necessario fazer título de novo. Tal é o espirito catholico e o fervor religioso da boa gente do logar.

O Sr. José Candido entende, no discurso, que a verba de um conto de reis, destinada para aquellas obras, é uma utilitaria que não chega para cousa alguma e, depois de declarar que devia pedir seis contos, resolve-se generosamente a deixar a festa por tres, em consideração a grande quadradeira que vai cá por casa.

Pelo corpo do discurso faz o distincto orador considerações philosophicas sobre a necessidade de sustentar o culto e propagar a fé, para o que, affirma elle, todos nós pagamos impostos.

Depois conta a triste historia de uma subscrição promovida por elle e outras cidadãos importantes, subscrição esta que, remida a 600000 rs., resultantes da venda de uns bois, prefex a quantia de 2400000 reis, que foram entregues ao vigario da freguezia para a construção de uma matriz.

E tendo nos contado tudo isso, exclama o nobre deputado.

Principio o vigario a fazer uma obra com muita sabidez e muita economia. E era agradável ver, Srs. o bom pastor assistido ao serviço, exposto aos ardentes raios do sol. (Muito bem.)

Com effeito devia ser muito agradável ver um padre vigario exposto aos raios ardentes do sol! Apenas entendemos que, si o nobre deputado tem quissilbas com o padre, que as guarde lá por Monção e não as traga para a barra da Assembléa—isso é feio e de máo gosto.

Porém o orador, que não é homem que vá ao fundo, salva-se com a seguinte pevoração:

«Como sabemos, a nossa religião anda constantemente ameaçada em suas bases mais sagradas. É preciso para firmar as crencas, converter aquelles que a atacaram ou estão vacillantes que se espalhem os templos, que estes sejam revestidos daquelle decoração que exige o respeito, a veneração que devemos ao nosso Deus vivo, por este modo concorrerem para convencer aos adversarios da religião de que elles estão em erro, que se transvi-

arão no caminho do bem, daquelle caminho que nos foi indicado como o da nossa salvação. (Muito bem.)

«A religião é um freio, mas um freio salutar, benéfico, necessario aos nossos desmandos: sem religião e sem instrução não pode prosperar sociedade alguma.

«Eu, pois, oso confiar que esta illustrada assembléa dará sua approvação á emenda que vou mandar á mesa.»

Ora vemos claramente em tudo isto o seguinte,—que já não existe, felizmente, entre nós aquelle antigo espirito religioso, aquelle phantasmio de ferro, que levava dantes muitos e muitos catholicos a esvaziarem as algibeiras, não para levantar uma escola ou mandar instruir alguns rapazes, mas para fazer egrejas e encomendar para Lisboa santos de dimensões enormes, cuja opulencia patenteava a vaidade de quem os pagava.

Santa Anninha, Congeição, Remedios e outras egrejas desta capital de Alcantarã, & c. provam exuberantemente que nossos avós devotos não esperavam que a Assembléa decretasse uma verba para construírem seus templos: era bastante que se sentissem atacados de uma molestia grave para prometterem logo uma egreja para tal sanção ou curia, que os livrasse do atroz ou das hevigas.

O senhor José Candido é, segundo nos consta, um homem de fortuna, porque não completou de seu bolsinho a somma necessaria para a conclusão das obras da matriz?!... Porque, sendo um homem de grande zelo religioso e de influencia na villa onde reside, não se reuniu aos seus melhores amigos para angariar difficilmente o dinheiro preciso para construir a egreja?!

Não s. exc. não quiz fazer isso, guardando-se para vir pedir a Assembléa 3.0000 de nossos miseros recursos, porque s. exc. não tem coração para ver os mysterios da nossa religião celebrados com uma pompa de meia tijela.

Com franqueza!—o sr. José Candido não nos parece de Monção, parece-nos do Brejo.

S. exc. obriga-nos a chegar a conclusão de que s. exc. nunca teve a intenção de concluir a matriz de Monção, o que s. exc. queria difficilmente era debicar o nosso querido bispo. Queria o debicar, sim! pois outra cousa não se conclue desta tirada—*A religião é um freio!*

Incontestavelmente ha nesta frase um epigramma grosseiro ao nosso treboso prelado, e nos estamos dispostos a repellir energicamente.

Si s. exc. diz que a religião é um freio, pelo simples facto de que D. Antonio de Alvaraga é bispo, passamos a entender que a Assembléa provincial do Maranhão é tambem um freio, porque s. exc. é deputado.

Dente por dente!

E com esta calama-nos, fazendo votos a Deus, que pela sua alta misericordia se digno derramar sobre nós, nós todos,—uma chuva de cabrestos.

A *Parotilha* continua como principião—alegre e conscienciosa, a provocar birra aos outros jornaes diarios desta provincia. O grande facto é que ella realison entre nós uma cousa que suppinhamos fosse impossivel de realisar-se—a venda avulsa.

300 numeros desse interessante periodico são vendidos todos os dias; e cremos que este isongreiro algarismo, tende a augmentar com o tempo.

Damos os nossos sinceros parabens á collegá e só lhe desejamos que, apesar do grande espirito de imitação, que caracteriza nosso povo, não encontre ella no caminho alguma imitador que a prejudique.